

Trabalhadores terceirizados e o consumo de substâncias psicoativas na indústria da construção civil

DOI: <https://doi.org/10.32760/1984-1736/REDD/2024.v16i2.19272>

Submissão: 28/05/24
Aprovação: 27/08/24

GUSTAVO TANK BERGSTRÖM – Faculdade de Ciências Aplicadas/UNICAMP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0648-6278>

FLAVIA TRALDI DE LIMA – Faculdade de Ciências Aplicadas/UNICAMP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6389-4764>

SANDRA FRANCISCA BEZERRA GEMMA – Faculdade de Ciências Aplicadas/UNICAMP

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8567-157X>

Palavras-chave:

Psicodinâmica do Trabalho;
Ergonomia da Atividade;
Substâncias Psicoativas;
Condições de Trabalho.

Keywords:

Psychodynamics of Work;
Ergonomic Analysis of Work;
Psychoactive Substances;
Working Conditions.

Palabras clave:

Psicodinámica del Trabajo;
Análisis Ergonómico del Trabajo;
Sustancias Psicoactivas;
Condiciones de trabajo.

Resumo

O consumo de substâncias psicoativas (SPA) pelos trabalhadores tem sido um tema prevalente na indústria da construção civil. A partir da pesquisa de campo com duas empresas terceirizadas alocadas na construção de um viaduto na cidade de Limeira/SP, este artigo buscou analisar a relação entre a atividade, o ambiente de trabalho e o consumo de SPA entre os terceirizados. Foi realizado acompanhamento in loco do trabalho, na perspectiva da Ergonomia da Atividade e, posteriormente, entrevistas coletivas semiestruturadas analisadas segundo a Psicodinâmica do Trabalho (PDT). Os resultados apontam que o uso de álcool e SPA ocorrem de maneira naturalizada entre os trabalhadores, como forma de enfrentar os riscos, as condições adversas de trabalho e como forma de pertencimento ao coletivo. O risco de acidentes de trabalho, questões como saudades da família e diferenças culturais também se constituem como importantes marcadores na experiência relatada.

Outsourced workers and the consumption of psychoactive substances in the construction industry

Abstract

The use of psychoactive substances (PAS) by workers has been a prevalent theme in the construction industry. Based on field research with two outsourced companies allocated to the construction of a viaduct in the city of Limeira/SP, this article sought to analyze the relationship between the activity, the work environment and the use of PAS among outsourced workers. On-site monitoring of the work was carried out, from the perspective of the ergonomics of the activity and, subsequently, semi-structured collective interviews were analyzed according to the Psychodynamics of Work (PDT). The results indicate that the use of alcohol and PAS occurs naturally among workers, as a way of coping with risks, adverse working conditions and as a way of belonging to the collective. The risk of work accidents, issues such as coping with missing family and cultural differences also constitute important markers in the reported experience.

Los trabajadores tercerizados y el consumo de sustancias psicoactivas en la industria de la construcción

Resumen

El consumo de sustancias psicoactivas (SAP) por parte de los trabajadores ha sido un tema prevalente en la industria de la construcción. A partir de una investigación de campo con dos empresas tercerizadas destinadas a la construcción de un viaducto en la ciudad de Limeira/SP, este artículo buscó analizar la relación entre la actividad, el ambiente de trabajo y el consumo de SPA entre los trabajadores tercerizados. Se realizó un seguimiento in situ del trabajo, desde la perspectiva de la ergonomía de la actividad y, posteriormente, se analizaron entrevistas colectivas semiestructuradas según la Psicodinámica del Trabajo (PDT). Los resultados indican que el uso de alcohol y SPA se da de forma natural entre los trabajadores, como forma de afrontar riesgos, condiciones laborales adversas y como forma de pertenencia al colectivo. El riesgo de accidentes laborales, cuestiones como afrontar la nostalgia y las diferencias culturales también constituyen marcadores importantes en la experiencia relatada.

Introdução

O ramo da construção civil figura como importante setor econômico brasileiro, sendo responsável direto por parcela significativa da força de trabalho da indústria desenvolvimentista. Multifacetário, o setor possui extenso histórico de terceirização, com dados antigos, perenes e alarmantes referentes ao consumo de substâncias psicoativas (SPA) no ambiente de trabalho.

No consumo de SPA para busca de prazer em questões de dor ou sofrimento, pode haver muito mais do que um raciocínio binário ou tabus impositivos. Seu uso pressupõe levar em consideração, sem qualquer julgamento, o usuário em uma dinâmica, uma história, um ambiente (Le Guillant, 2006), especialmente quando imbricada ao labor. Afinal, a realidade social é complexa e repleta de contradições (Oliveira *et al.*, 2023), neste caso focada a partir da ótica da atividade de trabalho (Gemma; Abrahão, 2023), vista na perspectiva da Ergonomia da Atividade (Gemma *et al.*, 2021).

Segundo Hautefeuille (2019), o ambiente de trabalho possibilita três quadros clínicos relativos ao vício: i) a pessoa que é viciada em algo e vai ao trabalho desenvolver suas atividades; ii) o empregado cujo objeto de dependência é o próprio trabalho (*workaholic*); e iii) o trabalhador que consome rotineiramente substâncias psicoativas para enfrentar o trabalho, este último quadro aqui emerge como questão de análise.

O relatório da OIT – Problemas ligados ao álcool e drogas no local de trabalho: uma evolução para a prevenção (2003) ressalta que determinadas condições de trabalho podem estar entre as razões que promovem ou aumentam o uso de drogas e álcool, a citar: jornada e turnos de trabalho; riscos de acidente; trabalho em locais remotos ou longe da família; sobrecarga; estresse, entre outros.

Os operários inseridos nos canteiros de obra da construção civil figuram como uma das categorias mais expostas diariamente a situações desafiadoras citadas pelo relatório da OIT, além de outras condições precárias de trabalho (Melo, *et al.*, 2015). Sobre o uso de substâncias, a Pesquisa de Melo *et al.* (2015) realizada em 2015, com trabalhadores da Construção Civil de Recife/PE, apontou que 79,2% dos obreiros consumiam álcool regularmente, além de apresentarem situações de embriaguez durante o desempenho de suas atividades.

O quadro agrava-se quando a análise se volta para os trabalhadores terceirizados inseridos nesse contexto (Antunes; Druck, 2015). Dados do Observatório Digital de Saúde e Segurança do Trabalho (2021), indicam que os terceirizados representam 80% das vítimas de adoecimento ocupacional e acidentes, inclusive os fatais.

Para Seligmann-Silva (2011), atividades em que a tensão gerada é constante e elevada, especialmente com baixo reconhecimento e prestígio social, a citar a construção civil, são propensas não apenas ao abuso de álcool, mas também de diferentes drogas. Surge então a ideia de “profissões expostas”, na qual a exposição ao risco está ligada a um ambiente social, econômico e cultural, nos quais seus sujeitos estão mais suscetíveis ao consumo de SPA durante o trabalho (Rolo; Dejours, 2015).

Assim, tendo em vista a importância do tema, buscou-se nesse artigo analisar a relação entre a atividade, o ambiente de trabalho e o consumo de SPA entre os terceirizados na construção civil, inclusive sopesando as razões para fazê-lo. Para tanto, a coleta de dados ocorreu com terceirizados alocados na construção de um viaduto (obra pública), na cidade de Limeira/SP.

1. MÉTODO

Utilizou-se como método de investigação de campo a abordagem da Ergonomia da Atividade, centrada no trabalho real (Gemma *et al.*, 2021) para a aproximação mais compreensiva da realidade de trabalho, e conceitos da Psicodinâmica do Trabalho (PDT) para analisar os resultados.

A PDT, iniciada por Dejours em 1970, interessa-se pela compreensão dos aspectos subjetivos mobilizados pelo trabalho a partir das condições de trabalho (questões físicas, mecânicas, químicas e biológicas relacionadas ao posto de trabalho) e pela organização de trabalho (divisão social e divisão do trabalho) (Abdoucheli; Dejours, 1994).

Seu objetivo é analisar os aspectos menos palpáveis daquilo que é vivenciado pelo indivíduo dentro do processo produtivo, já que trabalho é o que implica, em termos humanos, o fato de trabalhar: os gestos, o saber-fazer, o envolvimento do corpo e da inteligência, a capacidade de analisar, interpretar e reagir às situações (Dejours, 2004). Assim, sua atuação não está apenas associada ao componente salarial ou à relação formal de emprego, mas conecta-se especialmente em aspectos em que “a personalidade se envolve no enfrentamento de uma tarefa sujeita a constrangimentos materiais e sociais” (Dejours, 2007, p. 72).

Portanto, o olhar da Ergonomia da Atividade e a teoria desenvolvida por Dejours na PDT, permitem-nos descolar-se do paradigma positivista e aproximar-se da perspectiva dos trabalhadores, dentro dos mais diversos aspectos que compõe as inter-relações existentes no cotidiano e, neste caso específico, do canteiro de obras e seus consectários, tais como sofrimento e prazer no trabalho, mecanismo de cooperação e estratégias de defesa.

Participantes

Participaram do estudo nove trabalhadores terceirizados, sendo seis referentes à empresa terceirizada 1 (ET-1), e três referentes à empresa terceirizada 2 (ET-2). Todos os terceirizados eram do sexo masculino, com idade entre 22 e 51 anos, possuindo baixa escolaridade (ausência de ensino médio completo), oriundos de outros estados do Brasil, especialmente da região nordeste: Paraíba, Bahia, Ceará, além do Paraná.

Procedimentos

Foi realizado acompanhamento *in loco* do cotidiano de trabalho dos terceirizados no canteiro de obras, ancorado na perspectiva da Ergonomia da Atividade (Gemma *et al.*, 2021). No total ocorreram vinte e duas visitas, com duração variando entre trinta minutos e duas horas. Tais visitas tiveram por objetivo compreender a organização do trabalho, as tarefas e as atividades desenvolvidas pelos operários. Posteriormente, foram realizadas entrevistas coletivas semiestruturadas com os terceirizados, divididos por empresa. Foram executadas, no total, quatorze entrevistas (sete para cada empresa), com duração média de uma hora cada.

As entrevistas foram realizadas nas praças próximas ao canteiro de obras, local onde os trabalhadores realizavam suas refeições, valendo-se de um espaço coletivo de discussão e reflexão. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Ao término dos encontros era feito um breve resumo da conversa, ressaltando os pontos considerados mais relevantes. No último encontro com cada grupo de terceirizados foi apresentado um relatório final, com validação deste pelos trabalhadores. A análise de dados esteve associada a teoria da Psicodinâmica do Trabalho (Dejours, 2022).

2. RESULTADOS

A investigação deflagrou que mais de vinte empresas, entre formais e terceirizadas, dividiram o mesmo canteiro de obra, totalizando aproximadamente cento e vinte trabalhadores, dos quais cerca de quarenta (30%) eram terceirizados. Apesar de atuarem concomitantemente, as empresas terceirizadas possuíam finalidades diferentes.

A primeira empresa terceirizada (ET-1), chamada de “batedores de estacas” (fundação da obra), promoveu a sustentação do viaduto através de seis eixos principais e um anexo. Já a segunda empresa terceirizada (ET-2), conhecida por “guieiros”, empresa de menor porte, foi responsável pelo acabamento das guias que circundavam a obra.

Através das fotos abaixo (figura 3) é possível assimilar as diferenças entre o trabalho desenvolvido pelas empresas:

Figura 3: Trabalhadores da ET-1 (à esquerda), e trabalhadores da ET-2 (à direita).



Foto própria, 2021.

A figura 4 abaixo, por sua vez, indica a disposição das empresas, sendo que 1 refere-se à ET-1, enquanto 2 nos remete à ET-2:

Figura 4: Disposição das empresas terceirizadas.

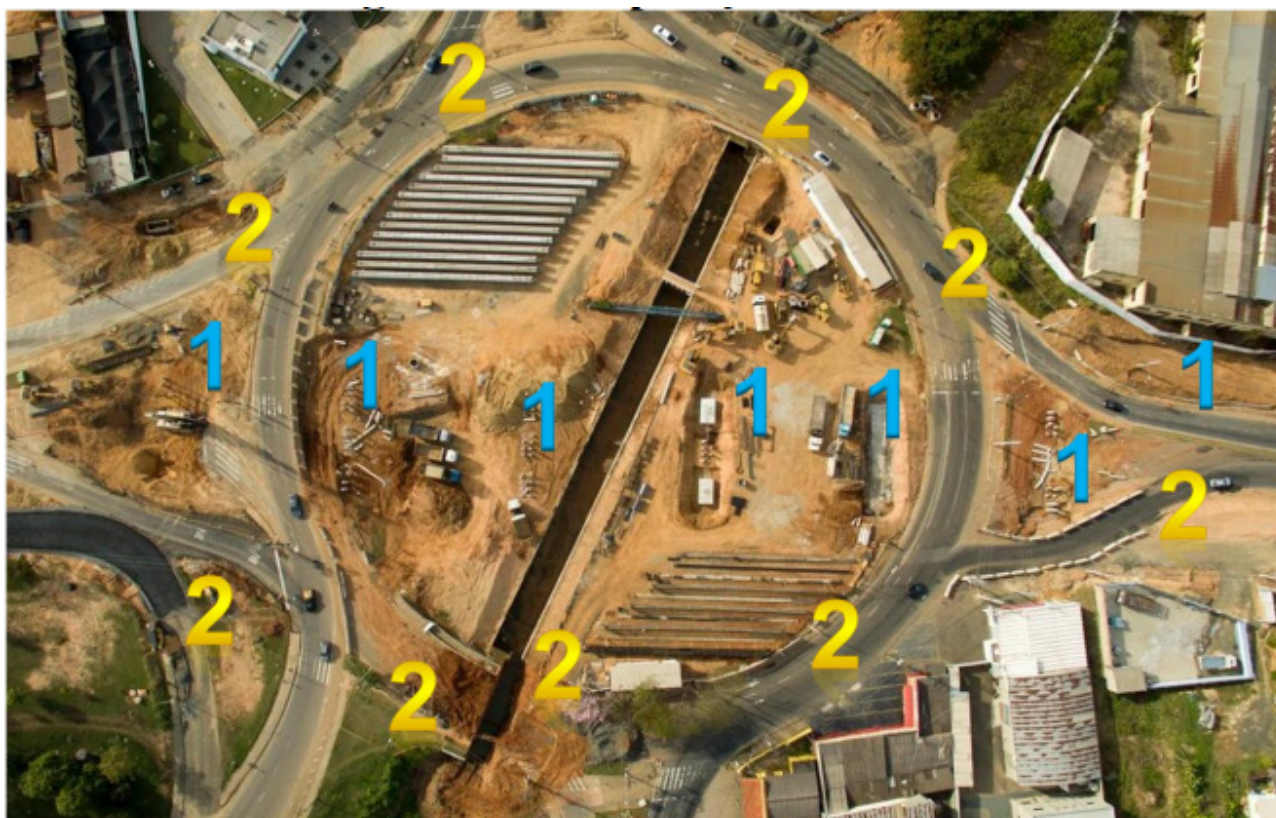


Foto própria, 2020.

Para estes trabalhadores terceirizados, o consumo de álcool era naturalizado e admissível, justificada através de sua relação histórica com o setor, seja nas experiências fora do ambiente de trabalho, seja durante o desenvolvimento das atividades. Os relatos apontaram diversas oportunidades em que o álcool era compreendido como uma ferramenta:

Na época que eu comecei [na Bahia] todo mundo dava um gole... pro cê ter ideia, tinha as garrafas de café e do lado uma garra do xodozinho [pinga]. Muita gente só começava depois de dar a consertada [mistura de café com pinga]. E não tinha essa de não tomar não, era todo mundo. Até o senhor [gestor] consertava também. [sic] (Bergstrom, 2002).

Eu não bebo mais trabalhando, mas teve uma empresa que eu trampei um tempo e lá meio que todo mundo bebia, aí eu ia na onda. Ia o que tinha mesmo, normalmente cachaça. E quem não bebia era tirado (zoad). Falava que era “mulherzinha”, “que não aguentava”, essas coisas. Mas no fim você acaba gostando de beber. Lá eu trampei de ajudante mesmo, mais pesado. Mas ainda bem que não bebo mais. [sic] (Bergstrom, 2002).

Os obreiros relataram não possuírem medo de trabalharem com alguém que faz uso do álcool, mas que refutam qualquer comportamento que possa afetar a confiança existente para o trabalho:

Uma coisa que eu aprendi é que não dá pra comprometer um igual, um parceiro. O problema é esse... se come água [bebe álcool], não dá pra ficar cozinhando [enrolando], ainda mais quando tá em dois. A gente até ajuda, mas não toda hora, senão sobra pra gente também. Porque eles [apontando para a cabine da gestão da obra] não percebe quando um de nós tá melado [bêbado], mas percebe se o trampo tá empatado [não anda] [sic] (Bergstrom, 2002).

Então se toma pra esquentar, toma depois do almoço, se dá um gole pra deixar mais ligado, mas não vai comprometer com a gente, tá tudo certo. Não faz diferença nenhuma pra mim. Mas se não souber, daí a gente também já sabe que esse aí não dá pra contar [sic] (Bergstrom, 2002).

Os operários ainda citaram outras questões que os impulsionavam ao consumo de bebida, a citar o frio e a saudades da família:

Quando eu cheguei aqui em São Paulo pra trabalhar, coisa de 10 anos atrás, eu estranhava muito o frio, né? De chegar assim cedinho na obra, saindo de casa umas 5 ou 6 horas. Tem lugar que a gente vai e é baixada, perto de rio, não tem jeito. Daí as vezes tomava pra esquentar, que não sentia nada. A rapaziada mesmo trazia. Tinha gente que não bebia, mais os religiosos, né? Apesar que as vezes até eles bebia [risos]. Então não era uma coisa escondida assim, todo mundo fazia [sic] (Bergstrom, 2002).

Ó... teve uma outra vez aqui em São Paulo, mas foi lá atrás quando eu vim pra cá, naquela época que eu tava te falando. Quando eu cheguei aqui, fui trabalhar pra um gato numa obra lá perto de Guarulhos, lá do aeroporto. E os caras moíam a gente... De trabalhar coisa de 10/12 horas direto. Aí dava saudades de casa, né? Mas eu precisava também, que a gente vem pra ter uma vida melhor. Essa época era mais pegada, eu tomava uns goles com os meninos. Que eu me lembre todo mundo bebia. Tomava um gole de manhã quando chegava já e aí na obra também ia tomando... a gente tomava cachaça mesmo, melhor, né? Tomava pra aguentar mais, pra dar força as vezes. A gente falava que o gole era a coragem da gente. Se não tivesse aí parecia que o dia não passava [sic] (Bergstrom, 2002).

A aproximação com os obreiros igualmente permitiu que se observasse o uso de outros psicoativos pelos trabalhadores. Tendo em vista que a ET-2 desenvolvia suas atividades no perímetro da obra, o acompanhamento da rotina de trabalho era facilitado, permitindo presenciar o uso, salientando os seguintes relatos:

Maconha pra mim é tipo um *redbull*. Fumo e me dá tipo uma energia pra aguentar o dia. Aí quando eu vejo o dia já passou. Então eu acho que não tem problema usar, porque ela me ajuda. [sic] (Bergstrom, 2002).

A gente fuma sempre que tem [risos]. Não é sempre que tem ou que dá pra fumar. Mas é tipo uma estratégia. Quando a gente percebe que tem um minutinho, que ainda não pegou daquele jeito, a gente vai lá. Por isso que de manhã a gente já dá uma fumada, é porque as coisas ainda tão começando, depois é mais complicado. Aí depois durante o dia a mesma coisa, tem que ser estratégico sempre [sic] (Bergstrom, 2002).

Preferiria não fumar, pra ser sincero com você. Tem dia que eu até falo “não vou fumar”. Mas quando chego aqui eu acabando fumando [sic] (Bergstrom, 2002).

Por fim, ainda que os trabalhadores tenham garantido não fazerem uso de outras substâncias psicoativas, afirmaram que o consumo de cocaína e até mesmo crack nos canteiros de obra ocorrem com determinada frequência nesse setor.

3. DISCUSSÃO

Para Fontaine (2006, p. 32) “degradação das condições de trabalho, uma perda do *status*, uma ausência de reconhecimento, podem induzir a perda de sentido do trabalho ou mesmo a comportamentos percebidos como típicos da doença mental”. Mas há algo além disso. Ao focar no uso e não apenas nos “transtornos do uso”, a autora (2006, p. 29-30), aponta para o consumo de bebidas e drogas durante o trabalho “como um suporte, uma ferramenta ou ainda como uma necessidade” para “se enganar voluntariamente modificando seu estado de consciência”. Nesse sentido, o consumo teria a capacidade de possibilitar uma condição de adaptação social e profissional no mesmo ambiente (Fontaine, 2008; Renaud, *et al.*, 2015).

Dentro dessa tratativa, a Psicodinâmica do Trabalho interessada nas relações de trabalho e as implicações dessas para a saúde mental do trabalhador, descreve sobre a função do uso de substâncias psicoativas no trabalho. Tema recorrente desde 1985, Dejours e Burlot relacionavam o consumo de álcool e outras substâncias aos mecanismos de defesa utilizados pelos trabalhadores como uma forma de enfrentamento às penosidades e sofrimento no trabalho. Em outras palavras e de acordo com a teoria, são desenvolvidas estratégias inconscientes para preservação do ego perante situações de trabalho que possam ser ameaçadoras.

Nesse âmbito, as estratégias coletivas de defesa se tornaram muito estudadas junto aos trabalhadores masculinos que exerciam atividades perigosas como pilotos de caça, operadores e engenheiros de indústrias e operários da construção civil (Dejours, 1980). Tais estratégias, também chamadas de ideologia defensiva da profissão, de acordo com Molinier (2004, p. 15), são “formas de cooperação para lutar contra o sofrimento no trabalho, mais precisamente contra o medo gerado pelos riscos da atividade”. Defesas psíquicas de caráter coletivo cumprem a função de enfrentar o medo contra sofrimentos que são complexos de combater de outra maneira. Desse modo, para Dejours (2016), elas teriam a função de estabilizar a relação dos sujeitos com os perigos advindos das situações de trabalho.

No entanto, ao passo que o uso de SPA associado às situações de trabalho esteja relacionado a práticas defen-

sivas ocasionada pela vivência partilhada dos perigos, riscos, sofrimentos e adoecimentos no trabalho, também se tornam uma estratégia de realização do trabalho (Jardim *et al.*, 2014). Desse modo, as defesas possuem a potencialidade de efeitos adaptativos, afastando a consciência dos trabalhadores também com relação à exploração e aos riscos (Dejours, 2016a).

O fato de existir uma prevalência do consumo de substâncias psicoativas nos canteiros de obra, replicadas de sobremaneira, indica que o coletivo impõe a cada um de seus membros provas a serem superadas, que consistem em inverter simbolicamente a relação com o risco (Dejours, 2004). O objetivo primordial dessas defesas é, portanto, resistir às agressões ocasionadas pelo real do trabalho (Dejours, 2016a).

De maneira geral, essas condutas estão associadas a não manifestação pública de expressão do medo ao sofrimento e a obrigação de participar de demonstrações ostentatórias de desprezo e enfrentamento quando ao risco (Medeiros, *et al.*, 2017). Isso fica claro quando o relato do trabalhador aponta que aquele do grupo que não beber não será considerado *homem de verdade*, e sim *mulherzinha*.

Dentro disso, considera-se que as estratégias de defesa coletiva, a partir do uso das substâncias, são construídas em nome da coragem e da virilidade (Molinier, 2013), vinculando concepções e atributos tidos como masculino. Afinal, um homem superprodutivo, que enfrente seus medos, é um homem forte, com chances de maior reconhecimento e valorização pela organização do trabalho (Souza; Antloga, 2017).

Esta inclusive, é uma das razões pela qual a virilidade se relaciona com o determinado tipo de atividade, especificamente “o trabalho que exige muito esforço físico, o trabalho realizado em más condições de ambiente físico – enfrentando ruído, gases, poeira, calor, etc. – e o trabalho perigoso [...] vistos como *trabalho de homem*” (Seligmann-Silva, 2011, p. 542).

Segundo a autora, é dessa forma que “surge a associação entre “trabalhar como homem” e “beber como homem”, de modo a fazer com que a recusa à bebida possa parecer sinal de fraqueza para o trabalho e ao mesmo tempo para o desempenho sexual da masculinidade” (Seligmann-Silva, 2011, p. 542). Por tal razão que “nos encontros entre o sujeito masculino e os constrangimentos deletérios das situações de trabalho, o risco de captura da identidade masculina pela virilidade defensiva é real” (Molinier, 2004, p. 22).

Em outro ponto, os terceirizados relataram duas categorias para o consumo de álcool: i) os que possuem o vício independentemente do trabalho; e ii) os que fazem o uso em conta da atividade desenvolvida. Para os obreiros, os “alcoólatras” são dominados pelo consumo de álcool, de modo que o uso passa a ter um fim em si mesmo, comprometendo toda a sistemática laboral existente.

Para o coletivo, a falta de controle no uso de álcool se converte em sinônimo de fraqueza (Souza; Antloga, 2017). Já com relação aos trabalhadores que fazem da bebida uma ferramenta, sem comprometer seu desempenho, os obreiros expressaram constantemente o sentimento de aceitação e compreensão, reafirmando a percepção de tê-los como “homens”. Ser forte e resistente, não ficar bêbado e não comprometer seus colegas é a medida da virilidade (Souza; Antloga, 2017).

Não por acaso, a linha é tênue. A régua para dividir os “alcoólatras” dos “homens”, pauta-se no comprometimento com o trabalho e na confiança gerada a partir do compromisso. Deste modo, se a condição de embriaguez de algum trabalhador passa a ser rotineira, comprometendo o regramento existente, tal confiança igualmente pode ser rebaixada.

Percebe-se assim, que as estratégias de defesa coletivas atuam também como uma forma de coesão do grupo, baseada nos mesmos ideários e regras construídas socialmente pelos membros sobre o que é e não permitido. Aqueles que não se adequam, extrapolando as condições impostas pelo grupo ou a própria confiança, principalmente em trabalhos que envolvem risco, devem ser de alguma forma eliminados pelo coletivo (Molinier, 2004). Para que as defesas funcionem de forma eficaz, faz-se necessária uma solidez que revela a identidade conferida aos grupos profissionais.

Os terceirizados também relataram o consumo de álcool por razões de distância da terra natal. Aos trabalhadores que “vivem muitas vezes longe dos familiares em situação de desenraizamento cultural” onde “a participação na “roda do bar” passa a ser uma forma de voltar a pertencer a um grupo, ter companhia, evitar a vivência penosa do isoladamente e do sentir-se um estranho num mundo desconhecido” (Seligmann-Silva, 2011, p. 538). Também, na pesquisa realizada, associava-se a forma de suportar o frio, que tinha sensação intensificada nos trabalhadores que vinham de regiões mais quentes do país, como nordeste.

Associado aos relatos de consumo de marijuana, especialmente no ambiente de trabalho, os terceirizados demonstram que a substância pode ser utilizada como uma válvula de escape para a dura rotina e o estresse no trabalho, assim como também aponta Bletzer (2014), novamente uma forma de alteração do estado de consciência, como também ocorre com o consumo do álcool (Dejours, 2004; Fontaine, 2006).

Fontaine (2006, p. 31), nesse sentido, salienta que o consumo destas substâncias pode decorrer “do fato de exercer uma atividade insuportável – tanto física quanto psicologicamente – [...] sendo o trabalho percebido como um

entreve ao desenvolvimento pessoal”. E, uma vez descoberto, “o recurso à substância ou ao ato adictivo é mantido sempre à mão a fim de atenuar essas vivências emocionais quando quer que isso seja necessário, mesmo por um curto período de tempo” (Mcdougall, 2001, p. 199).

Assim, percebe-se que, para os terceirizados na obra de Limeira/SP, o uso de marijuana pela “modificação dos estados de consciência”, não estão exatamente relacionados a obtenção de prazer. De acordo com Fontaine (2006, p. 32), estão também associadas ao “alívio da carga de responsabilidade que se torna demasiadamente pesada” (Fontaine, 2006, p. 32) combinada com outros problemas relacionados ao cotidiano laboral. Para o trabalhador entrevistado, é uma forma de “dar energia” para continuar trabalhando, tornando-se assim também uma forma de defesa psíquica encontrada pelos trabalhadores continuarem apesar das penosidades, como aponta Dejours (2004).

Observou-se também que a gestão, mesmo tendo conhecimento do consumo, não combatia tal prática, ou não procurava saber suas razões, agindo assim de forma naturalizada. Desse modo, a exploração das estratégias defensivas como incentivo e ampliação da produtividade é também bastante discutida por Dejours (2016). Nesse caso, o consumo de álcool e marijuana, como fenômenos que permitem eliminar a percepção consciente dos riscos, estimular o foco e a atenção para um trabalho que não permite distrações, pela gravidade dos riscos presentes, se tornam meios importantes para a garantia do trabalho bem-feito no canteiro de obras.

Considerações finais

A partir da aproximação com duas empresas terceirizadas alocados na construção de um viaduto (obra pública), na cidade de Limeira/SP, o artigo buscou analisar a relação entre a atividade, o ambiente de trabalho e o consumo de substâncias psicoativas entre os terceirizados, inclusive sopesando as razões para fazê-lo. Para tanto, realizou-se o acompanhamento in loco do trabalho, na perspectiva da ergonomia da atividade e, posteriormente, entrevistas coletivas semiestruturadas analisadas sobretudo segundo a Psicodinâmica do Trabalho (PDT).

O consumo de álcool foi citado como requisito para pertencimento e reconhecimento no coletivo de trabalho, como forma de enfrentamento dos terceirizados aos riscos e às condições de trabalho com vistas a alterar o estado da consciência para dissipar o medo. Além disso, a ingestão de álcool se tornava uma forma de amenizar o sofrimento experimentado pelas diferenças culturais, as saudades pela distância da família e mecanismo para lidar com as baixas temperaturas. Assim também o uso de marijuana, como substância estimulante para o desempenho das atividades e alívio da sobrecarga, cumpria função de alteração de estados de consciência para o enfrentamento das penosidades do trabalho.

Para a Psicodinâmica, o uso de substâncias psicoativas está relacionado com as estratégias de defesa inconscientes que permitem encarar atividades com grande sobrecarga física e psicológica, que determinam experiências de sofrimento. Tais mecanismos permitem o enfrentamento das dificuldades vivenciadas e a adaptação social e profissional ao ambiente de trabalho. Embora, contraditoriamente, coloquem o trabalhador em situação vulnerável e potencializem os riscos, o consumo de tais substâncias permitem que o trabalho seja realizado a contento. No caso apresentado, mesmo tendo conhecimento do consumo, a gestão não combatia tal prática, ou não procurava saber suas razões. Entende-se que de certa forma, a exploração das estratégias defensivas pode ser uma maneira de garantir a produtividade.

Referências bibliográficas

- ABDOUCHELI, E.; DEJOURS, C. (1994). Psicodinâmica do trabalho: contribuição da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. p. 119-145. São Paulo: Atlas, 1994.
- ANTUNES, R.; DRUCK, G. (2015). A terceirização sem limites: a precarização do trabalho como regra. *O Social em Questão* – Ano XVIII – nº 34. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_34_1_Antunes_Druck.pdf. Acessado em 21/12/2023.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BERGSTROM, G. Postos terceirizados de trabalho [recurso eletrônico] : vivências no ramo da construção civil de Limeira/SP. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) – Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira, p. 110. 2022.
- BLETZER, K. (2014). New Drug Use Among Agricultural Workers. *Substance use & misuse*, 49(8), 956-967.
- DEJOURS, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Production*. V. 14, n. 3, p. 27-34.
- DEJOURS, C. (2007). Subjectivity, Work and Action. In: Deranty, JP., Petherbridge, D., Rundell, J. (eds) *Recognition, Work, Politics: New Directions in French Critical Theory*, pp. 71 – 88 . Leiden : Koninklijke Brill NV.
- DEJOURS, C. (2015). *Le choix, souffrir au travail n'est pas une fatalité*. Paris: Bayard.

- DEJOURS, C. (2016). Souffrance et plaisir au travail. L'approche par la psychopathologie du travail. *Travailler*, vol. 35, no. 1, pp. 17-30.
- DEJOURS, C. (2016a). A centralidade do trabalho para a construção da saúde. Entrevista com Juliana de Oliveira Barros e Selma Lancman. *Revista Terapia Ocupacional da USP*. 2016 maio/ago. p. 228-235. São Paulo.
- DEJOURS, C. (2022). Trabalho vivo: Trabalho e emancipação. São Paulo: Blucher – 2ª edição – Volume 2.
- FONTAINE, A. (2006). Double vie – les drogues et le travail. Paris: Les empêcheurs de penser en rond.
- FONTAINE, A. (2006). Des usagers de drogues qui travaillent ou des salariés qui se droguent?, *VST – Vie sociale et traitements*, 2008/2 (n° 98).
- GEMMA, S.F.B.; ABRAHÃO, R.F ; TRALDI, F. L. ; TERESO, M. J. A. (2021). Abordagem ergonômica centrada no trabalho real. In: Daniel Braatz; Raoni Rocha; Sandra Gemma. (Org.). *Engenharia do trabalho : saúde, segurança, ergonomia e projeto*. 1ed.Santana de Parnaíba: Ex Libris Comunicação, v. 1, p. 343-362.
- GEMMA, S.F.B.; ABRAHÃO, R. F (2023). Análise da Tarefa e da Atividade. In: Rani Rocha; Lucy Mara Baú. (Org.). *Dicionário de ergonomia e fatores humanos: o contexto brasileiro em 110 verbetes*. 1ed.Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Ergonomia – ABERGO, v. 1, p. 20-24.
- HAUTEFEUILLE, M.(2019). Et Dieu créa le travail. *Psychotropes*, 2018/3-4 (Vol. 24), p. 11-19.
- JARDIM, S. R.; RAMOS, A.; GLINA, D. M. R. (2014). Diagnóstico e nexos com o trabalho. In D. M. R. Glima & L. E. Rocha (Orgs.), *Saúde mental no trabalho: Da teoria à prática* p. 49-80. São Paulo: Roca.
- LE GUILLANT, L. (2006). O trabalho e a fadiga. In M.E.A. Lima, M. E. A. L. (Org.), *Escritos de Louis Le Guillant: da ergoterapia à psicopatologia do trabalho* (pp. 218-241). Petrópolis: Vozes.
- MCDUGALL, J. (2001) As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana. São Paulo: Martins Fontes.
- MEDEIROS, S. N.; MARTINS, S. R.; MENDES, A. M. (2017). Sofrimento e defesa: análise psicodinâmica do trabalho de monitoramento aéreo de trânsito. *Trivium*, Rio de Janeiro , v. 9, n. 1, p. 74-90, jun. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176- Acesso em 29 ago. 2023.
- MELO, F. M S.; ALVES, F. A. P.; GONÇALVES, T. P. C. B.; ALBUQUERQUE, M. I. N.; CORIOLANO-MARINUS, M. W. L. (2015). Conhecimentos e práticas de trabalhadores da construção civil sobre práticas de promoção da saúde e atenção à saúde. *Saúde em Redes*, v. 1, n. 4, p. 85-96.
- MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO – MPT; ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT. (2023). Observatório Digital de Saúde e Segurança do Trabalho – SMARTLAB. Disponível em: <https://smartlabbr.org/> Acesso em 12 de agosto de 2023.
- MOLINIER, P. (2004). Psicodinâmica do trabalho e relações sociais de sexo. Um itinerário interdisciplinar. *Produção*, 14 (3), p. 14-26.
- MOLINIER, P. (2013). O trabalho e a psique. Uma introdução à Psicodinâmica do trabalho. São Paulo: Paralelo.
- OLIVEIRA, V.; GUIMARÃES, D. A.; GAMA, C. A. P.; COELHO, V. A. A.; COELHO, F. B. P. (2023). Tensionamentos no cuidado em Saúde Mental relacionados ao uso de Substâncias Psicoativas: dificuldades identificadas por profissionais da saúde pública. *Saúde Em Debate*, 47(137), 133–145. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202313709> Acesso em 21 de setembro de 2023.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, OIT. (2003). Problemas ligados ao Alcool e a Drogas no local de Trabalho: Uma evolução para a prevenção.
- RENAUD, C.; DOMINIQUE, L.; GLADYS, L. (2015). As funções ambivalentes do álcool no local de trabalho: objeto bom e objeto ruim. *Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, 2015/3 (Número 107), p. 375-401.
- ROLO, D.; DEJOURS, C. (2015). Trabalho e uso de substâncias psicoativas: evolução da clínica. *Psicologia clínica e projetiva*, 2015/1 (n° 21), p. 243-256.
- SELIGMANN-SILVA, E. (2011). Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez.
- SOUZA, R. G.; ANTLOGA, C. S. (2017). Psicodinâmica do Trabalho masculino e a defesa da virilidade: uma questão de gênero. *Revista Trabalho (en)Cena*, 2(2), p.18-38.